

LITERATURA

# Uma conversa que ‘transformou’

FESTIVAL LITERÁRIO DA MADEIRA ARRANCOU ONTEM COM PEPETELA E ONDJAKI

SANDRA S. GONÇALVES  
sgoncalves@dnoticias.pt

“Queremos transformar o mundo e somos incapazes de nos transformar a nós próprios”. A citação do autor de ‘Yaka’ serviu de fio condutor para a conversa entre os angolanos Pepetela, Prémio Camões em 1997, e Ondjaki, Prémio José Saramago e Prémio Jabuti Juvenil. Isto numa ‘viagem’ conduzida pelo conceituado jornalista Fernando Alves, na sessão de abertura da sétima edição do Festival Literário da Madeira que encheu ontem a sala do Teatro Municipal Baltazar Dias.

Pepetela, “que foi à guerra e que deu e levou”, começou a sua intervenção dizendo que o ser humano não pode fugir do passado, até porque “sem passado não há futuro”. O escritor contou que quando dava aulas, muitos dos seus alunos repudiavam o passado por este ter sido “triste”, de “escravatura” e “guerra”. Mas, na sua óptica, é um erro as pessoas dizerem que querem esquecer o passado e focarem-se apenas no presente e no futuro, uma vez que quem pensa desta forma vai, com certeza, “partir a cabeça na porta do futuro”. Tendo isto em conta, e numa retrospectiva feita no tempo, falou no que vivenciou na guerra e, no alto da sua sabedoria, disse que esta é mais dolorosa para quem “está fora” do que para quem está “dentro”, porque estes sabem o que está a acontecer e os outros não.

Numa conversa, onde foi abordada a diferença de gerações de ambos, Ondjaki referiu que tem pena que não hajam mais escritores da sua idade, tendo dito que muitos dos seus colegas, que estudaram em Angola, foram para a parte mais técnica, como a medicina, a música e a banca. Mas fica feliz por cada um deles estar a intervir nas áreas que escolheram como profissão. E por falar em profissão, Pepetela afirmou que não conhece muitas escritoras das gerações mais novas por uma questão de “mobilidade”. E, numa troca de piadas entre os escritores, começou a apontar as diferenças entre Benguela e Luanda, onde foi notória a empatia existente entre Pepetela e Ondjaki, tendo este último partilhado com o público madei-



O evento cultural juntou ontem dois nomes sonantes da literatura, numa conversa moderada por Fernando Alves. FOTOS HÉLDER SANTOS/ASPRESS

rense, que assistia atento a esta conversa, um termo angolano que significa “ridicularizar” e “ofender”, cujas pessoas só andam à “batatada” quando utilizam os elementos da família, como a mãe, para provocar ainda mais o outro. E porque a sociedade está em constante mutação, Pepetela acredita que os mais novos, capazes de fazerem mais e melhor porque estão “mais frescos”, irão contribuir para que haja uma transformação que tem de vir de dentro para que depois possa se reflectir no mundo.

Na sessão de abertura da edição deste ano do Festival Literário da Madeira, cujo tema é ‘Literatura e Web - Entre o Medo e a Liberdade’, a jornalista e escritora bielorrussa Svetlana Alexievich, Nobel da Literatura, que cancelou a sua participação no evento cultural devido aos últimos acontecimentos no Aeroporto da Madeira, foi diversas vezes lembrada, tendo ficado a promessa de marcar presença na edição do próximo ano. Mesmo assim, a Nobel da Literatura fez questão de enviar uma mensagem, tendo dito que tinha “muita pena” em não poder estar presente, o que levou o público a aplaudir o seu gesto.

Uma ausência reforçada e lamentada por Paulo Cafófo, presidente da Câmara Municipal do

## 25 MIL EUROS PARA O FESTIVAL LITERÁRIO



O Governo Regional atribuiu 25 mil euros ao Festival Literário da Madeira, que decorre até sábado. Rubina Leal, secretária regional da Inclusão e Assuntos Sociais, frisou a importância da cultura nos dias que correm e, por isso, deve “ocupar um lugar central no que deve ser considerado um modelo desejável para o desenvolvimento”.

“A cultura é declaradamente um factor de coesão social que pode actuar como uma base para o pluralismo e para a melhoria da qua-

lidade de vida”, destacou.

A governante recordou que um dos objectivos definidos pelo Governo Regional “foi a criação de projectos culturais que fomentem uma oferta cultural de qualidade”. E, por isso, decidiu apoiar este evento, tendo em conta que tem vindo a desenvolver hábitos de leitura e de consumo de livros junto da população.

Rubina Leal destacou ainda o facto do festival estar descentralizado, sendo esta uma forma de cativar mais público.

Funchal (CMF), que durante a sua intervenção afirmou que a organização não vai desistir de “qualificar cada vez mais este Festival Literário da Madeira”. Até porque, segundo o chefe do executivo camarário, este tem por base a cultura que pode ser um “novo paradigma de desenvolvimento”.

Baseando-se nisso, recordou que, desde 2014, o Baltazar Dias tem vindo a receber mais espectadores, sendo que, no ano passado, passaram 48 mil pessoas por aquelas cadeiras. Tudo porque a autarquia funchalense aumentou “oito vezes mais” os apoios à cultura, concluiu.

**EXTERMÍNIO**  
menos pesticidas  
**MAIS BIOCIDAS**



291 930 500  
www.exterminio.pt